



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 8, 2024, p. 139 - 148

<https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>

Cadernos intermediários de miscelâneas: atualidade temática da teoria educativa Gramsciana sob o olhar de Mário Alighiero Manacorda

Intermediate notebooks of miscellanea: thematic relevance of Gramscian educational theory from the point of view of Mario Alighiero Manacorda

Mateus José Ribeiro¹ Maria Durciane Oliveira Brito²
Maria Cristina Barbosa Pereira³ Liliane Gomes da Silva⁴
Fabiana Gomes Amado⁵ Leonardo Santos Miranda⁶

Submetido: 02/02/2024 Aprovado: 01/03/2024 Publicação: 06/03/2024

RESUMO

A atualidade do princípio educativo gramsciano contido nos Cadernos Miscelâneos, sob as críticas de Mário Alighiero Manacorda é o objeto deste estudo. Analisamos os temas destacados por Manacorda (Organização da Escola, Americanismo, Conformismo e Personalidade e O Estado Educador) contidos no livro O Princípio Educativo em Gramsci. Buscamos, a partir dessa base de leitura e de outras - do passado e do presente - como em MARX e Engels, Lenin, Paulo Freire, Dante Moura e Ricardo Antunes, que de alguma forma abordam a mesma temática, mostrar como os escritos contidos nos referidos cadernos de Antônio Gramsci ainda são atuais e relevantes, mesmo depois de quase um século de sua produção.

Palavras-Chave: Mário Alighiero Manacorda; Princípio Educativo em Gramsci; Cadernos Intermediários de Miscelâneas; Atualidade Temática.

ABSTRACT

The subject of this study is the topicality of the Gramscian educational principle contained in Cadernos Miscelâneos, under the criticism of Mario Alighiero Manacorda. We analyzed the themes highlighted by Manacorda (School Organization, Americanism, Conformism and Personality and The Educating State) contained in the book The Educational Principle in Gramsci. Based on this reading and others - from the past and the present - such as MARX and Engels, Lenin, Paulo Freire, Dante Moura and Ricardo Antunes, which in some way address the same theme, we seek to show how the writings contained in Antonio Gramsci's notebooks are still current and relevant, even after almost a century of their production.

Keywords: Mario Alighiero Manacorda; Educational Principle in Gramsci; Intermediate Notebooks of Miscellanies; Topicality.

¹ Mestrando em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí mateusprimeiroosteus@hotmail.com

² Mestre em Ciências da Educação, Universidad Tecnológica Intercontinental, UTIC. durciane@hotmail.com

³ Graduada em Licenciatura plena em Matemática

⁴ Mestre em Ciências da Educação, Universidad Tecnológica Intercontinental, UTIC. Liliane.lilags@gmail.com

⁵ Mestre em Letras, Universidade Estadual do Piauí - UESPI, fabiana.amado@ifpi.edu.br

⁶ Mestrando em Biotecnologia, Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAR, leonardophb2015pi@gmail.com.

1. Introdução

Historicamente se tem em Antônio Gramsci um referencial sobre educação crítica que luta pela mudança social e criação de uma nova ordem em que os excluídos possam se elevar a classe dominante. Seus escritos do tempo de prisão são analisados por estudiosos como Mário Alighiero Manacorda, com intensão de destacar aquilo pelo que ele (Gramsci) lutava na sociedade italiana de sua época.

Mas pode-se dizer que os escritos de Gramsci ainda são válidos como base de referencial para a atualidade, tendo em vista que já se passou cerca de um século desde a escrita dos cadernos e cartas pelo intelectual? O presente artigo tem, então, por objetivo apresentar a relevância e atualidade dos temas abordados por Antonio Gramsci nos chamados Cadernos Miscelâneos. Aqui essa análise será realizada a partir de discussões feitas sob o olhar de Mário Alighiero Manacorda, no livro *O Princípio Educativo em Gramsci*.

Além do texto base referido, buscaremos mostrar ideias de estudiosos e pensadores do passado e do presente como MARX e Engels (2009), Lenin (2017), Paulo Freire (2019), Moura (2014), Ricardo Antunes (2015; 2020), dentre outros, que de alguma forma coadunam com as teorias gramscianas desenvolvidas nos referidos cadernos. Assim, buscamos reafirmar que os escritos gramscianos são basilares e de relevância atual para a educação transformadora com foco no ensino, no mundo do trabalho e na organização governamental do ensino público.

Na obra *O Princípio Educativo em Gramsci*, Mário Alighiero Manacorda, dentre outros textos daquele intelectual, discute os temas Organização da Escola, Americanismo, Conformismo e Personalidade e O Estado Educador – contidos no capítulo intitulado Cadernos Intermediários de Miscelâneas (1930 – 1932) – aqui analisado por nós e mostrados como ainda atuais e relevantes.

2. A organização da escola e a formação de intelectuais

Sob o título Organização da Escola, tema fundamental em Gramsci, Manacorda já apresenta o problema da escola na formação dos intelectuais, pois a escola é, sem dúvida, uma das estruturas principais onde ocorre a formação na e para a sociedade. Mas em Gramsci não é apenas nela (escola) que se dá a formação das pessoas; destaca ele que, vindo de cima para baixo, ou seja, das classes privilegiadas para as massas, há toda uma organização estrutural ideológica das classes dominantes. Marx e Engels outrora já deixavam claro que as ideias desses últimos (dominadores) são as que prevalecem sobre os demais (dominados): quem tem o poder material tem o poder intelectual (MARX, Karl; ENGELS, Friederich. 2009, p. 67). Não se discute contra tal afirmativa, uma vez que se fosse diferente as elites perderiam seu poder de domínio material e

intelectual; na atualidade Chauí (2001, p. 25) ainda aborda o tema ao falar das sociedades divididas em classes e do domínio ideológico de uma sobre as outras.

Da estrutura ideológica dominante, Gramsci traz a imprensa, as bibliotecas, as escolas, os clubes, até a arquitetura: tudo como forma de manter, defender, desenvolver e propagar a ideologia dos que estão no poder frente à sociedade. A igreja também é colocada aqui como uma dessas estruturas que procura manter seu próprio domínio. A partir disso, é citada a necessidade de se criar um “espírito de cisão” contra toda essa ideologia aceita sem questionamento. Deve ser adquirida uma progressiva consciência da personalidade própria histórica da classe que busca sair do estado de escravidão material e mental e daquelas a ela aliadas (MANACORDA, 2019, p. 203). A dificuldade vem justamente de se conseguir o “espírito de cisão”, uma vez que a sociedade inteira está ludibriada por distrações e problemas os quais não enxergam uma saída ou a veem e não alcançam.

A escola seria o lugar, por excelência, de onde viriam as cabeças pensantes que fariam a revolução. Mas ela, no seu papel de formação humana, juntamente com a universidade, está envolvida na decadência das instituições culturais das camadas dirigentes. Gramsci, com seqüidão, acusa as universidades de darem formação apolítica. (Ibid., p. 204). Em sua observação, quando as universidades e todas as instituições para o desenvolvimento intelectual não permeiam a realidade da vida nacional, são formados quadros puramente retóricos (GRAMSCI, 2022, p. 203). E ele vai além. Ao analisar a relação universidade-sociedade, professor/aluno, expõe como os exames são realizados, com preparação para essas a partir de apontamentos e apostilas sobre questões difíceis, às quais os alunos conseguem responder essas, mas não as fáceis. Treinamento mental apenas para a resolução de questões é comum ser visto nas muitas escolas privadas da atualidade, não ficando de fora muitos programas com o mesmo fim na rede pública de ensino (MANACORDA, 2019, p. 205). Uma “maquiagem” disfarçada de educação.

Ainda sobre as universidades e sua relação com a sociedade e as escolas, a rispidez com que trata o tema, de forma nada exagerada e sim real, é mencionada pelo próprio Manacorda (2019, p. 204) quando diz que aquele caráter retórico e a intelectualidade pouco rigorosa do ensino universitário contrapõem-se às misérias encontradas nas escolas. Nessas há a pobreza cultural e a discriminação reservadas aos subalternos da civilização que procura essas instituições tentando sair da ignorância. De fato, a base ensino-pesquisa-extensão das universidades é quase sempre simplificada meramente a ensino para uma cota minúscula da população. Aos demais, resta a escola para o produtor e seus filhos, que sequer fazem ideia do que se estuda nas instituições de ensino superior, ou delas tem ideias vagas ou mesmo idealização. Integração universidade/escola é uma raridade.

Quanto à escola do Fascismo da época de Gramsci, esse a apresenta dividida em três tipos: a profissional, dada aos operários e camponeses; a média técnica, colocada para os pequeno-burgueses; e a clássica, exclusiva da classe dirigente. A passagem de um tipo para outro só se dava no máximo da primeira para a segunda; a terceira, apenas a elite podia acessar. Pode-se perguntar se, em um país livre como o Brasil, sem a presença do Fascismo, ainda existem essas “castas” de escolas. Uma resposta para essa indagação pode ser dada por Moura (2014, p. 13), quando fala de quatro grupos básicos de escolas de Ensino Médio neste país, a saber: escola privada das classes privilegiadas, com função na continuidade dos estudos nas universidades mais reconhecidas; escolas da rede federal de educação profissional; escolas da rede estadual de educação profissional, com condições abaixo das federais; e escolas principalmente estaduais propedêuticas, quem nem é acadêmica – como nas da elite – nem é profissional de uma qualidade maior – como as da rede federal.

A essa degradação das instituições educacionais, cindidas e excludentes, carregadas de teoria não prática, Gramsci apresenta a escola unitária, onde tem por método a união do trabalho manual com o trabalho industrial. Nela também se concentra a formação humanista de cultura geral, que insere os jovens na atividade social (MONASTA, 2010, p. 108). Essa formação é bem diferente daquela dos tempos de Gramsci e, até onde podemos ver, dos nossos. Nos anos em que vivia o intelectual havia escolas que faziam, superficialmente, a relação trabalho manual/trabalho intelectual; o problema não está nessa relação, mesmo que ocorra com sucesso, mas na relação escola-sociedade, escola-produção, cultura-profissão; e havia aquelas escolas por ele chamadas de esnobes, mais individualistas do que formadoras da classe produtora para ser também dirigente. Nenhuma mudança significativa de lá, Itália de 1930 a 1932, para cá, Brasil do século XXI.

Manacorda diz que Gramsci não fala nos cadernos em questão sobre o “desnovelamento” da criança, e até comenta que seria supérfluo fazê-lo, pois bem se sabe o pensamento de Gramsci a respeito desse tema, sendo ele antipuerocêntrico, antiespontaneísmo e, acima de tudo, antiesnobe. O desnovelamento da mente da criança para que se mostre o aprendido, algo imanente, inato não é algo que Gramsci alguma vez defendeu, logo não precisou mencionar nesses textos. Acerca do espontaneísmo também não há defesa, pois, esse pensador coloca os instrumentos intelectuais como criação histórica, intencional. E mesmo ao tratar da ciência, estudo e pesquisa, critica quando os termos científico e ciência são atribuídos apenas às chamadas ciências naturais. Para ele, a única metodologia possível a todos os ramos de estudo seria a lógica formal (MANACORDA, 2019, p.212). Todos eles, métodos, ciências e instituições, têm, em Gramsci, a luta pela objetividade universal da unificação cultural do gênero humano.

3. Americanismo: forma de produção emergente

Quanto ao Americanismo, Gramsci o analisa com o intuito de saber se a América está forçando a aceleração das bases econômicas europeias; e sabemos, com Marx, o quanto a base econômica influencia a superestrutura (como as instituições escolares). Não se trata, pois, de uma nova sociedade, mas do prolongamento da sociedade europeia capitalista. Essa nova economia que vinha se destacando é colocada por Gramsci no sentido revolucionário a qual ele defendia que fosse dada aos produtores, ou seja, para a classe operária. Essa sim, a partir dos avanços da base econômica do americanismo, criaria a nova sociedade que satisfaria as necessidades gerais (Ibid., p. 214). Aquilo, pois, que Gramsci observou chegar na Itália se fez presente então de forma explícita em praticamente todos os lugares, ou seja, “A base econômica do homem-coletivo: grandes fábricas, taylorismo, racionalização, etc.” (GRAMSCI, 2022, p. 261). Hoje se vê o tamanho da força que as bases econômicas do americanismo têm sobre os países europeus e de outros continentes, como na América Latina (FERNANDES, 2009); é notório o quanto o Brasil, por exemplo, em seu caminho ao desenvolvimento, ainda sofre de dependência daquela nação, de sua tecnologia, de suas regras comerciais e de seus intelectuais, inclusive da superestrutura cultural e educacional.

Mas com o advento do americanismo, mais uma vez se faz presente em Gramsci a crítica aos modelos retrógrados dos intelectuais de seu país, por não conseguirem satisfazer as necessidades da população quanto à formação intelectual dela. Ele (americanismo) fornece um modelo, embora – nas palavras de Manacorda – “distorcido” e “contraditório”, para um novo humanismo buscado por Gramsci. Entretanto deve levar em conta como o americanismo no trabalho modifica negativamente o sistema de vida e pode conduzir a um rápido esgotamento nervoso e determinar crises inauditas de insalubridade (MANACORDA, 2019, p.216 apud GRAMSCI, Cd. 5-IX, p. 20). Existe algo mais atual nos empregos que exigem essa linha de busca nociva incessante do aumento da produtividade pela morfologia que o trabalho vem sofrendo (ANTUNES, 2015; 2020) do que a observada e prevista por Gramsci sobre os impactos do modo de produção propagado pelo americanismo sobre o trabalhador? A base de uma opção educativa que daria as instruções necessárias a evitar esse mal precisa, pois, adequar o sistema de vida ao modo de produção, com a aquisição de hábitos de ordem moral e intelectual, se aproveitando daquilo que o novo modelo estaria mostrando em suas capacidades produtivas (MANACORDA, 2019, p. 216).

A respeito dos intelectuais, Monasta (2010, p. 20) diz que esses só podem ser definidos pelo papel que prestam à sociedade, e não pelo trabalho que desempenham. Para a mudança social, esse autor, trazendo excertos do caderno onze (1932 - 1933) de Gramsci, expõe que se deve trabalhar para elevar intelectualmente camadas populares cada vez maiores, criar elites intelectuais novas, que surjam do interior das massas e que estejam sempre em contato com elas

(Ibid., p. 88). Essas elites são, portanto, o que Gramsci chama de intelectuais orgânicos – vindo das massas, em contato e identificação direta e constante com elas. A reforma intelectual, junto a ela a reforma econômica, Gramsci a vê através do americanismo, mas “tomado” pelas classes subalternas. Inegável é que uma reforma intelectual e econômica de real mudança social só pode vir daqueles que querem mudança significativa, dos que estão necessitados de sair da miséria em que se encontram.

4. **Conformismo e personalidade sob crítica**

Outro tema permanente na pedagogia gramsciana, e tratada no texto em destaque com o subtópico Conformismo e Personalidade, é a oposição ao espontaneísmo e ao autoritarismo, uma vez que para ele não existe espontaneísmo puro, seria uma “pura mecanicidade”. A essa ação inconsciente e contra qualquer autoritarismo desmedido, é contraposto a pedagogia socialista, marxista, com direção consciente sobre e com as massas - contato dinâmico entre marxismo e povo (MANACORDA, 2019, p. 225). Com essa ação são formulados os conceitos nada espontaneístas de responsabilidade e universalidade, isto é, a liberdade associada à responsabilidade geradora de uma disciplina que nega qualquer ação irresponsável-individualista (Ibid., p.226 apud GRAMSCI, Cd. 6-VIII, p. 5).

É levantada a questão se se poderia concretamente superar o individualismo com uma ação estatal que nivelasse a vida “segundo um tipo nacional”. Se sim, a questão a ser levantada seria de onde viriam dirigentes dessa ação vinda “de cima”. Poderia uma nova sociedade que busca a liberdade (mas com responsabilidade) e a universalidade contrária à individualidade ser outra, senão a revolucionária antes oprimida? Contra esse fato não se levanta objeção, segundo as bases aqui discutidas. A respeito de quem seriam os guias dessa classe, que historicamente vem se mostrando servil, também não há dúvidas: os guias viriam da própria massa, os intelectuais vindos dela, como já mencionado antes, os intelectuais orgânicos, aqueles que provem do próprio povo, que com ele se identifique e com ele tenha permanente contato. Somente dessa emersão, identificação e ação favorável à classe oprimida, se pode dizer que haverá uma liderança que levará à mudança necessária na sociedade. Nenhuma ação educativa realmente libertadora construtora de uma nova sociedade pode ser indiferente e distante dos oprimidos (FREIRE, 2019, p.56).

Na construção da nova ordem há uma via de mão dupla, que na verdade não passa de um único conjunto: as lideranças e os liderados (esses últimos em formação, no sentido gramsciano, estarão, futuramente, aptos a serem também líderes). Se não for dessa forma, o “novo” homem que acabara de se tornar líder dos demais, não mais oprimido, se torna opressor de seus outrora semelhantes, perpetuando a visão individualista (Ibid, p. 44, 45). A liberdade-responsabilidade falada por Gramsci faz do individual um aspecto do universal coletivo. É uma consciência

comum, não imposta, pois advém de indivíduos livremente associados (MÉSZÁROS, 2008, p. 118, 121). Pode-se dizer que na forma de liberdade-responsabilidade aqui “pregada” o indivíduo tem no outro a realização de si e em si a realização do outro. Com esse mesmo pensamento, Manacorda (2019, p. 229), mais uma vez a partir de Gramsci, expõe o grande ideal ainda necessário na atualidade: “[...] toda moral e toda política imposta desaparecem, em que toda constrição, coerção, conformismo etc., dão lugar à liberdade e à responsabilidade individual, como aspecto da liberdade universal”.

Para tanto, é indispensável se ter disciplina interior e participação ativa diante do Estado ou do partido político (fala-se em partido político porque ele tende a ampliar-se à classe, e essa a à toda a humanidade). Logo, há a exigência de nele existir princípios éticos que tragam a seus membros a igualdade. Gramsci (2022, p. 261) já falava da tendência ao conformismo no mundo contemporâneo que se mostrava maior que no passado, onde a estandardização do modo de atuar e de pensar assumiam dimensões continentais. Logo, o indivíduo não pode cair nessa forma de conformismo acrítico, mas naquele tipo de conformismo que unifique a todos como semelhantes e em condições de igualdade (MANACORDA, 2019, p. 229). Configura-se, portanto e necessariamente, esse conformismo como uma espécie de imposição social consciente, buscada por aqueles que almejam a mudança significativa do seu meio.

Disso tudo não pode faltar, à pena de ser mais uma alienação imposta por individualidades egoístas, o campo educativo e escolar que se coaduna com os interesses e as reais necessidades sociais. A educação (pedagogia, diz Paulo Freire) libertadora voltada para essa transformação não pode ficar distante das classes subalternas. As personalidades devem ser moldadas ao conformismo das ações que criem o homem coletivo responsável e livre: necessidades urgentes.

5. O Estado deve ser educador do povo?

E qual seria o papel d’O Estado Educador para a conformação das pessoas à nova realidade? Como já mencionado, há uma distinção entre o conformismo arbitrário e aquele conformismo aceito, chamado proposto; nesse último a universalização exclui todo arbítrio e causalidade na determinação do conteúdo e finalidade educativos (MANACORDA, 2019, p. 234). Lembramos que a determinação nem sempre é, como normalmente não o é, uma imposição explícita. Gramsci observou que o Estado não se reduz a toda a aparelhagem repressiva estatal, mas também é composto por certo número de instituições sociais da própria sociedade civil, como as escolas, as igrejas, os sindicatos (ALTHUSSER, 2022, p. 73). E bem se sabe o quanto essas instituições podem ser, ou são, utilizadas por aqueles que querem manter outros no conformismo acrítico.

A educação confiada ao Estado ou à iniciativa privada, diz Gramsci, é uma crise da família; dá-se, a partir disso, uma “mecanização” da vida (GRAMSCI, 2022, p. 201). Ele afirma também

que o cidadão é um funcionário do Estado quando, ativo na sociedade, segue, de forma estabelecida, a direção tomada pelo Estado-governo (MANACORDA, 2019, p. 235). São reafirmação dos conformismos que as pessoas aderem e não enxergam, a não ser depois de algum contato com intelectuais que revelem as armadilhas das elites dominantes, portanto, do Estado. O Estado é, pois, um órgão de dominação de classe, aparelho de opressão que legaliza essa mesma opressão (LÊNIN, 2017, p. 29). Aderir cegamente à educação dada pelo Estado é ser fisgado por toda a aparelhagem repressora-ideológica de uma instituição que visa conformar os sujeitos àquilo que os donos da produção querem que aceitem sem relutar. A educação que não reproduz o academicismo nem é profissional de qualidade, como a maioria ofertada no Brasil, é um reflexo presente da educação dada pelo Estado, assim como aquela criticada por Gramsci.

Essa forma de educação dada pela elite, portanto Estado, aos produtores é colonialista, tem um viés de renúncia a promover ensino propiciador do desenvolvimento autônomo do indivíduo causando-lhe o conformismo sem criticidade. A escola de Gramsci, por outro lado, tem um dogmatismo diferente, que não se confunde com aquele dado pela igreja ou pelas ideologias do Estado. Gramsci é, assim, marxista quanto ao fim do Estado e a elevação de uma sociedade autorregulada. Aqui ideia é que o Estado, gradativamente (mas bem sabemos que não passivamente), se identifique com a sociedade civil de tal forma que seja essa união aquela administração própria sem as intervenções autoritárias e coercitivas (MANACORDA, 2019, p.241).

A sociedade tal qual sonham – e lutam – aqueles que são contra a hegemonia atual (coercitiva, ideológica, individualista) é aquela em que o proletariado dominante e consciente com o tempo deixa supérfluo o Estado, pois as funções desse se tornarão inúteis, uma vez que a sociedade civil as absorverá e se manter sem a necessidade dele. A pedagogia política de Gramsci, dessa forma conclui Manacorda (2019, p.248), busca o respeito ao universalismo das relações, das oportunidades de condições, da educação e da moral.

6. Considerações Finais

Perpassando os temas Organização da Escola, Americanismo, Conformismo e Personalidade e O Estado Educador, em O Princípio Educativo em Gramsci, Mário Alighiero Manacorda discute as teorias de Gramsci a respeito da educação transformadora com foco no ensino, no pensamento crítico, no mundo do trabalho e na organização governamental do ensino público, contidos nos chamados Cadernos Miscelâneos.

Vimos como a organização da escola e a formação de intelectuais, o modo de produção americano, o conformismo acrítico e a responsabilidade do Estado sobre a educação ainda são problemas inegáveis para a organização social que se propõe a ser igualitária. A forma de

educação que viria a ser uma solução para os problemas denunciados pelo autor viria da igualdade de ensino para todos e da formação de intelectuais que viriam da própria massa.

Da nova forma de produção que Gramsci vê crescer em sua época, americanismo, ele a toma como propícia à formação de novos intelectuais e de produção que seria adequada às exigências sociais, desde que dada aos produtores, ou seja, às classes menos favorecidas economicamente. Assim, com formação intelectual nova, seria abandonado todo conformismo acrítico aos sistemas vigentes. Tal formação do novo intelectual faria com que a sociedade se tornasse autorregulada e suprimisse o Estado por lhe assumir as funções.

Assim, os temas tratados nos Cadernos Miscelâneos de Gramsci, sob a crítica de Manacorda, aqui discutidos com apoio em autores do passado e do presente, ainda são necessários a discussões e inquestionáveis quanto à sua atualidade, mesmo depois de quase um século de sua produção.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 14^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** ensaios sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho. 16^o ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2^o ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2^o ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. 4^o ed. São Paulo: Global, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, volume 3**: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. 11^o ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- LENIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a revolução**: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. 1^o ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**: americanismo e conformismo. 3^o ed. Campinas, SP: Alínea, 2019.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**. 1^o ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2^o ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. 1º ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 1º ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.